

Aprendizagem Situada no Quilombo de Justinópolis: Cantos, Sonoridades, Instrumentos, Gestos e Danças

Comunicação

Sônia Cristina de Assis¹
Escola de Música - UEMG
sonia.cristina@uemg.br

Resumo: O estudo etnográfico apresenta um olhar para as crianças e suas aprendizagens situadas, em relações cotidianas com os adultos, compartilhados no cotidiano da Irmandade do Rosário do Quilombo Justinópolis/MG/Brasil, através da toada, traço que define pertencimento, ou seja, todo *reinadeiro* se expressa tocando, dançando e cantando aos Santos do Rosário. A proposta é dialogar sobre essa expressividade musical do Reinado Mineiro e ampliar a compreensão sobre as inúmeras maneiras de aprendizagem. Saber tocar, dançar, cantar e conduzir rituais perpassa por uma prática de envolvimento e participação no grupo. Lave e Wenger (1991) trazem este entendimento, por meio dos estudos, sobre a teoria da aprendizagem situada que nos possibilita identificar o aprendido.

Palavras-chave: Quilombo de Justinópolis, Aprendizagem Situada, Música.

Quilombo de Justinópolis

No território do Quilombo de Justinópolis as danças, os pontos cantados e as indumentárias se diversificam nas diversas práticas como os tambores sagrados do Candombe, a Irmandade do Rosário, a Caravana de Santos Reis, a Quadrilha Pé de Cana e o Coral Vozes de Campanhã. Nas narrativas musicais dos pontos cantados, na sonoridade dos instrumentos, nos movimentos das danças, na representação da corte e nos cortejos das Guardas, as histórias de vida se perpetuam pela participação de crianças, jovens e adultos que desde cedo se movem ao som do ritmo dos instrumentos. Segundo Gomes e Pereira (1990), as crianças ensaiam os primeiros passos gingando e se entregam à dança quando podem

¹ Bolsista do Programa de Produtividade em Pesquisa na Universidade do Estado de Minas Gerais, Chamada PROPPG nº 11/2022 (PQ/UEMG).

erguer-se sozinhas. Nas paisagens urbanas ou rurais de Minas Gerais encontramos nas Festas do Rosário uma musicalidade e sonoridade singular, própria dos negros do Rosário.

Este artigo propõe dialogar sobre essa expressividade musical do Reinado Mineiro, cultura tradicional brasileira, prática que se faz viva e presente na contemporaneidade. A intenção é promover um exercício de reconhecimento à criatividade, à arte e ao modo de expressão como produtores de conhecimentos e saberes (WAGNER, 2012, p. 68). Partindo desta perspectiva, o envolvimento na prática cotidiana remete descrever como se constitui se tornar um *reinadeiro*, sobretudo, pela toada (musicalidade) das crianças da Irmandade do Rosário de Justinópolis, focando percursos e movimentos produzidos na aquisição de habilidades e funções nesse contexto. Na Irmandade do Rosário de Justinópolis não se usa o termo musicalidade e sim toada, que é um dos traços que define pertencimento, ou seja, todo *reinadeiro* se expressa tocando, dançando e cantando aos Santos do Rosário.

Aprendizagem e pertencimento

Jean Lave (1996, 2015) considera que a importância da noção de aprendizagem decorre da ênfase na centralidade analítica das relações sociais que possibilitam uma inserção no mundo da prática. Segundo a antropóloga, o processo de aprendizagem é indissociável de uma prática cotidiana e situada por ser socialmente construída e fundamentada em situações concretas. Discutirei sobre aprendizagem musical, apontando, intencionalmente, para as práticas culturais e o pertencimento. Ser *reinadeiro* se dá por uma experiência vivida e um modo de ensinar e aprender que atravessa a oralidade, a corporalidade dos gestos e os cantos, permeados de significados e sentidos. No Reinado Mineiro essas experiências produzem uma prática cultural dinâmica e compartilhada entre crianças, jovens e adultos que experimentam e se engajam plenamente nos rituais sagrados e festivos.

Tim Ingold² (2000, 2010), pela abordagem ecológica de cultura, destaca a noção de cultura como habilidade, que aprender é um processo presente na ação que se potencializa nas experiências coletivas. Para Ingold, a aprendizagem é uma redescoberta do conhecimento

² Tim Ingold é um antropólogo inglês, cujos estudos problematizam profundamente a noção de cultura do debate antropológico. Suas formulações questionam dicotomias mente-corpo, natureza-cultura, individual-social, entre outras.



que não está fora das pessoas, mas que se desponta pelas habilidades e inserção no ambiente. Assim, apresentando que

copiar [que] é imitativo, na medida em que ocorre sob orientação [...] copiar não é fazer transcrição automática de conteúdo mental de uma cabeça para outra, mas é, em vez disso, uma questão de seguir o que as outras pessoas fazem. (INGOLD, 2010, p. 21).

Nos contextos do Reinado Mineiro, aprendizes e mestres se tornam habilidosos no tocar e cantar à Nossa Senhora do Rosário, ou seja, a aprendizagem musical é uma prática viva. A aprendizagem com participação plena na prática surge por meio de processos que produzem conhecimentos, como acontece nos meios formais de educação, porém não reproduzindo o modelo da civilização ocidental que privilegia as capacidades cognitivas do aluno, perpetuando a separação entre o mundo da razão e o mundo da sensibilidade (LAVE, 2015). O ensinar, neste caso, é verbalizado e conceituado, metodicamente. Por outro lado, o ensinar-aprender existente no Reinado Mineiro promove o vivenciar, o experimentar, criando e recriando saberes.

A Festa do Rosário é anunciada pelas cores, gestos e sons, e com uma linguagem própria de se expressar no mundo; a música é acrescida de uma materialidade sonora específica, indissociável do canto. Nessa festa tambores, caixas, gungas e patangomes soam transformando a paisagem.

Na Irmandade do Rosário de Justinópolis, o aprender não pode ser entendido como os contextos formais de um ensino de música. Como destaca Arroyo (2000, p. 18), “nos contextos formais do ensino de música a forte distinção entre quem ensina e quem aprende e os códigos escritos como competência musical dominante³ impedem que se valorizem outras práticas que ali acontecem”. Pois, fora das salas de aula de música acontecem encontros que promovem diferentes processos de ensino e aprendizagem, o papel de quem ensina ou de quem aprende é marcado por aquele que apresenta uma demanda e aquele que

³ No contexto acadêmico, o que denominamos de repertório musical, na sua grande maioria, não apresenta uma vivência musical que traga a cultura viva e pulsante do cotidiano das festas tradicionais.



está apto a solucionar a demanda. O primeiro enfoque que destacarei sobre o processo de aprendizagem no Reinado apresenta um caminho parecido.

Para a tocar os instrumentos das Guardas ou saber responder ao ponto do capitão no ritual, na maioria das vezes, o importante é se orientar por aquele que sabe. É a partir da vivência plena, corpórea e de identificação com as Guardas, que os integrantes do Reinado vão acessando os saberes dessa prática tradicional. O papel da escuta ativa, no sentido de estar conectado ao ambiente, se torna um elemento importante no desenvolvimento das habilidades. Margarete Arroyo⁴ (2000) compartilha o mesmo entendimento ao dizer que o ensino e a aprendizagem de música, em práticas tradicionais está diretamente relacionado com o processo de se tornar membro, reforçando que o saber musical é apropriado pelas crianças, desde pequenas, pela observação, experimentação, imitação e escuta.

Aprender no cotidiano

Para entender como as crianças e os jovens do Reinado de Justinópolis aprendem, e quais elementos impulsionam esse aprender, descreverei alguns momentos da pesquisa etnográfica. Como apresentado anteriormente, para aprender a tocar os instrumentos ou saber responder ao ponto do capitão no ritual, na maioria das vezes, crianças e jovens se orientam por aquele que sabe, assim a vivência se torna um elemento de fortalecimento dos laços. Mas, antes mesmo disso, é preciso destacar que o pertencimento se torna elemento importante dentro da Irmandade do Rosário de Justinópolis. Pertencimento, aqui, está relacionado a uma participação ativa. Na maioria das vezes acontece no âmbito familiar e se prolonga às práticas cotidianas e festivas. Ou seja, avô, pai, mãe, vó, primos e tios incentivam tanto a prática dos pontos cantados, como as levadas das marchas ou toadas das caixas. Em casa as crianças criam os próprios instrumentos, a materialidade é incentivo nas brincadeiras, baldes de plásticos viram caixas de Reinado e os pedaços de cabos de vassoura viram bastões ou espadas.

⁴ Margarete Arroyo delimitou o estudo a dois contextos em que ensino e aprendizagem de música acontecem: Nos rituais que envolvem à Festa do Reinado e no Conservatório de Música, ambos localizados na cidade de Uberlândia, MG, no ano 1995 e 1999.

A atenção dos adultos fortalece todo o processo de experimentação das crianças quando cantam e tocam juntos com as pequenas caixas de reinado feitas para elas. A aprendizagem acontece quando criança aprende com criança, que aprende com adultos, e estes aprendem com as crianças. Os netos quando se encontram na casa dos avôs gostam de brincar de Reinado e Reisado e em um dos encontros que estive na casa do mestre, os netos estavam presentes cantando e batendo toadas em um balde de plástico. Por curiosidade perguntei do que estavam brincando e um dos netos, com uma expressão de descontentamento, respondeu: “Brincando!”. O avô, que acompanhava a cena me explica que brincadeira para eles era outra coisa, como brincar na areia ou subir em árvore. Ou seja, o aprender no envolvimento pleno e contínuo na prática aborda o experimentar de maneiras diferentes, e nas brincadeiras de Reinado, “brincar” de Congo ou Moçambique é poder experimentar as toadas e os pontos. As brincadeiras no cotidiano das crianças do Reinado constituem um dos momentos em que elas dão sentido e significado à expressividade que emerge nos rituais.

Quando as crianças participam e atuam em momentos ritualísticos dizem de sua condição de pertencimento e engajamento. Assim, tocar caixa ou bater gungas é um segredo que, atualmente, as crianças da Irmandade são encorajadas a desvelar. No hasteamento da bandeira de aviso da festa do Rosário, no ano 2019, as crianças se encontravam atentas e concentradas em cada gesto do capitão regente. Nesse dia, uma criança saudou o mastro e firmou seu bastão no chão imitando o capitão. Isso porque, algumas crianças do Reinado de Justinópolis recebem réplicas dos símbolos que os capitães e capitãs usam para comandar a Guarda, como bastões e espadas, mesmo não sendo consagrados. A proposta dessa iniciativa é promover o aprendizado dando papéis às crianças e, assim, proporcionar uma interação prática de vivência, de experimentação e de respeito. Uma experiência e vivência que remete a uma reflexão importante na relação entre pessoas e materiais situadas no mundo (Assis, 2017, p. 1379).

Como já mencionado, essas vivências, para algumas crianças, iniciam cedo. Na abertura do Reino, os instrumentos sagrados são entregues pelo Capitão Regente a cada responsável, como bastões, espadas e bandeiras. Da mesma maneira, no fechamento do Reino, quando cada instrumento retorna ao altar. Esses símbolos, nas mãos dos aprendizes,

são réplicas que oportunizam descortinar os cortejos com sua espada, aprendendo os códigos do ritual, dentro do que é possível e disponibilizado. No mesmo ano de 2019, na Guarda de Congo, um menino de 4 anos participava com uma espada em mãos, que também não era consagrada, experimentando os mesmos gestos das capitãs da Guarda. Ao manusear a espada corretamente, essa criança vive uma posição diferenciada no grupo, que inicia antes mesmo da Guarda sair em cortejo, ao receber sua espada pelas mãos do capitão regente. Para entender o que provoca algumas terem em mãos um bastão ou uma espada, uma caixa ou um patangome, devemos, primeiramente, atentarmos à questão do acesso, pois é essencial a compreensão dessas particularidades de envolvimento das crianças.

Integrar as Guardas de Congo ou Moçambique acontece de maneira natural, como diz o mestre Dirceu: “Se a criança no colo da mãe escuta a toada da Guarda de Congo e balança, ela gosta de Congo. Não adianta colocar na Guarda de Moçambique que ela não fica”. Através dessa compreensão as crianças são acompanhadas dentro do Reinado, algumas escolhem tocar caixa e outras, patangomes; têm aquelas que querem experimentar os bastões ou as espadas, querem desenvolver a habilidade de comandar a Guarda, puxar um ponto ou saudar um Reino. Um processo que acontece através da imersão ativa nos rituais e nas festas.

As Guardas de Congo e Moçambique do Quilombo de Justinópolis não realizam ensaios para aprendizagem dos toques dos instrumentos e dos pontos. O aprendizado acontece quando participam de festas de outras Irmandades do Rosário e nas festas que acontecem no Quilombo de Justinópolis, como a Festas em Honra a São Sebastião, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Para que uma Festa do Rosário aconteça é preciso que tenham Guardas convidadas. Na festa do Rosário do Quilombo de Justinópolis, em 2022, estavam presentes vinte e oito Guardas convidadas. Desta forma, as habilidades de cada *reinadeiro* são desenvolvidas pela imersão no mundo, tocando, cantando e participando dos momentos festivos e ritualísticos.

Para Ingold (2010), aprender é sinônimo de uma redescoberta orientada que, como tal, envolve imitação e improvisação. Desta maneira, o aprendizado passa pelos processos de redescobrimto dirigidos pela noção do mostrar, pela escuta ativa e pelo sentido. Ingold toma a frase de James Gibson dizendo que aprender é equivalente a uma “educação da



atenção”, ou seja, um processo de aprendizagem que compreende todo um sistema perceptivo do praticante habilidoso e integrado com o ambiente. No Reinado do Quilombo de Justinópolis há essa vivência prática e assistida, pois tudo o que acontece nesse ambiente é mostrado e conduzido pelo mais experiente. As considerações a respeito de se tornar um integrante da Irmandade do Rosário de Justinópolis vinculam-se, primeiramente, ao pertencimento a partir da vivência plena e corpórea, sabendo que além da Guardas de Congo e Moçambique, a Irmandade é composta por uma comunidade que exerce funções específicas para a realização das festas, e que cada membro da Irmandade é fundamental.

Boi da Manta e Cortejo

Foram vários encontros na residência do capitão regente, quando registrei em fotografia e audiovisual, o Mestre confeccionando caixa, coroa, rosário e bastão, como também, a participação nas festas do Quilombo de Justinópolis. A partir da potência desse material foi construído o documentário ZIRIGANGA⁵, que conta a história da Irmandade do Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis, pela narrativa do Mestre Dirceu Ferreira.

Dentre esses materiais de audiovisual apresentarei o Cortejo e o Boi da Manta⁶, o qual acontece no domingo da Festa no Quilombo de Justinópolis. No ano de 2018, assisti pela primeira vez esse cortejo⁷ no terreiro do Quilombo e foi uma grande surpresa, para mim, presenciar as crianças e os adolescentes cantando e tocando pontos referentes a Guarda de Congo no cortejo. Nessa data eu não tinha permissão para adentrar à Capela Sede⁸ e ver as

⁵ Documentário: ZIRIGANGA. Produção atrelada ao projeto de iniciação científica, Saberes tradicionais do Reinado Mineiro: da multiplicidade artística às experiências musicais vividas” na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) Link de Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=LtAdo_Jp_Pk&t=923s

⁶ Documentário: Boi da Manta e Moçambique das crianças do Quilombo de Justinópolis – MG. Produção atrelada ao projeto de iniciação científica, Saberes tradicionais do Reinado Mineiro: da multiplicidade artística às experiências musicais vividas” na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Link de acesso: <https://youtu.be/KiwVgRJA3nA>

⁷ Cortejo é o momento que as Guardas saem tocando e cantando pelas ruas. No início da festa ele é realizado quando as Guardas levam a imagem de santo ou santa, de rainha ou rei, para participar da festa. No final da festa o cortejo acontece com as imagens dos santos e santas nos andores enfeitados com flores, com a participação de todas as Guardas convidadas e o trono coroado. O cortejo tem como propósito o caráter comemorativo. Na saída do Boi da Manta, por ser um momento de aprendizagem das crianças e dos jovens que conduzem a Guarda, o cortejo acontece dentro do Quilombo.

⁸ Capela Sede é o local onde fica o Reino da Irmandade, contendo o altar com os santos, santas, bastões, cetros, bandeiras, caixas, gungas e patangomes. É o lugar que abriga os tambores sagrados conhecidos por Candombe.

crianças e os jovens se organizando para a saída do Boi da Manta. Em 2019, fui convidada a acompanhar e registrar a organização de saída do Boi da Manta e do cortejo.

No ano de 2019, crianças e adolescentes, com idade entre 4 a 15 anos, realizaram o cortejo da Guarda de Moçambique, e foram os responsáveis em comandar a Guarda e cantar os pontos. Como dito, tudo inicia na capela sede, e nesse dia registrei as crianças mais velhas ajudando as pequenas a escolherem os instrumentos, combinando quem levaria a bandeira, quem seria capitão/capitã ou caixeiro e se saíam como Guarda de Congo ou Guarda de Moçambique. O Capitão Regente Dirceu Ferreira estava na capela assistindo, afinando as caixas, selecionado a baqueta adequada e observando toda a organização para a saída da Guarda. Alguns pais estavam por perto atentos. Um pai se vestiu de Boi da Manta e uma mãe saiu de guia do Boi. Uma verdadeira aula de coletividade, de cuidado com o outro e de troca de saberes, quando os mais experientes ensinam aquele que está em pleno processo de aprendizagem.

Ainda dentro da capela, o clima era de agitação. Crianças pequenas preocupadas com a caixa que não estava afinada e outras que não encontravam a baqueta da caixa. Os jovens mais experientes explicaram que o cortejo seria de Guarda de Moçambique. Para isso o capitão ou capitã teria que usar o bastão em mãos, ao invés da espada. Orientaram as crianças mais novas a buscarem os instrumentos certos para o cortejo e pouco a pouco os integrantes do cortejo ocuparam o lugar apropriado para dar início ao ritual, sob o olhar cauteloso dos adultos. Uma jovem, com a bandeira em mãos, puxou um ponto, dando início ao rito de abençoar o povo, passando a bandeira por cima da cabeça das pessoas que estavam dentro da capela. Assim transcorreram as relações dentro da capela sede, de portas fechadas, pois muitos aguardavam a surpresa que o grupo preparava para a saída do cortejo.

Assisti o grupo colocando em prática os saberes já vivenciados no Reinado, exercitando o aprender no envolvimento pleno e contínuo na prática. A saída do Boi da Manta, juntamente com o Cortejo, se torna uma prática que conecta o sagrado e o profano (bizarria), neste caso o cortejo e a brincadeira de Boi. Tornando-se presente como ação e modos de percepção, essa prática potencializa que as pessoas apreendam, participando do coletivo, com tudo aquilo que constitui e dá materialidade ao mundo (ASSIS, p. 18, 2016).

Ponto Cantado

Passa bandeira no povo
Passa bandeira no povo
Passa bandeira no povo, Sá Rainha
Passa bandeira no povo

Na Capela Sede presenciei o que Jean Lave (2011) diz ser uma maneira de “aprender o que já se está fazendo”, entendo que aprendizagem é um conceito relacional, pois “somos todos aprendizes, engajados na aprendizagem da nossa própria prática”. (LAVE, p.156, 2011, tradução nossa). Durante o cortejo, um bastão foi revezado entre duas meninas que executaram a função de capitã. Ao lembrarem de um ponto, revezavam o bastão e cantavam. O bastão⁹ é um instrumento de comando, somente o capitão ou a capitã da Guarda de Moçambique fazem uso. Nesse dia, as meninas experimentaram comandar a Guarda cantando um ponto apropriado para o momento, crianças e adolescentes executaram funções de caixeiros e dançantes, tocando e cantando ao redor da capela do Rosário.

Durante o cortejo, agenciado pelos pontos, pela toada dos instrumentos e dos gestos, o grupo de crianças e adolescentes exerciam o ver, o ouvir e o fazer, simultaneamente, estando presentes por inteiro na ação e no ambiente. As relações dos integrantes da Guarda com o ambiente festivo do quilombo se conectam pela escuta, sabendo que é preciso virar a marcha para acompanhar o ponto cantado ou que é preciso responder ao ponto da capitã. Essas ações não são ditas verbalmente, mas percebidas pela escuta ativa que perpassa pela compreensão do que está acontecendo no momento, e saber agir corretamente, em meio a outras sonoridades que acontecem no ambiente. (ASSIS; DEBORTOLI; SOUSA, 2022, p. 15).

Ponto Cantado

Tira esse boi daqui
Tira esse boi prá lá
Põe a canga nesse boi
Deixa esse boi trabalhar

Tira esse boi daqui
Põe esse boi prá lá
Tira a canga nesse boi
Deixa esse boi descansar

Boi, boi, boi

⁹ O bastão que as meninas usavam não era firmado e consagrado.

Boi da cara preta
Pega essa criança
Que tem medo de careta

Oh, lelé ti lelé, Oh lelé ti lelé
Oh, lelé ti lelé, Oh lelé ti lelé

A satisfação em sair em cortejo com a Guarda de Moçambique se torna viável por existir no grupo, integrantes competentes em executar a condução da Guarda, mesmo que em desenvolvimento. Os mais experientes oportunizam que os menos experientes também se expressem e fluam no espaço e no tempo do Reinado, que experimentem o caráter responsivo, rítmico e compassado, garantido pelo engajamento corporificado e atento. Simultaneamente, a alegria toma conta do terreiro com a participação do Boi que corre solto pelo Quilombo. Há mais de dezessete anos tem acontecido a saída das Guardas das crianças e jovens, intercalando entre Guarda de Moçambique e Congo, uma prática de aprendizagem que faz sentido quando toca os envolvidos e permite uma explosão de conexões sensíveis.

Considerações

Neste contexto, permeado de saberes e experiências, aprendizes se tornam habilidosos no tocar, cantar e dançar à Nossa Senhora do Rosário. No Reinado de Justinópolis não se utiliza o termo música ou ritmo. Segundo do Capitão Dirceu Ferreira, “no Reinado não se faz música, se faz pontos, música é para os artistas”. Pois, os pontos se constituem de elementos que vão além de uma performance musical, eles estão associados a funções específicas do ritual, como orientações para a Guarda ou para um integrante; os pontos falam de histórias que podem ser dos santos ou dos ancestrais; tem momentos que são rezas e outros que são recados; eles podem ser de improviso ou antigos; trazem como elemento a sintonia com o sagrado; conectam, firmam, consagram coroas, bastões ou gungas; podem ser de bizzaria ou de fundamentos; são carregados de aprendizagem que se instalam no corpo e no espírito do *reinadeiro*.

No Reinado, nós não classificamos aquilo que é mais importante ou menos importante, mas classificamos aquilo que é fundamento, sacramento e



mandamento. Que envolve várias coisas que vai desde a bandeira, a coroa, ao bastão, a espada, tudo isso. Para nós aqui, quando a gente fala “tal ponto não pode porque tem fundamento”, nós estamos falando de cantiga. Mas, tem muita coisa aqui que tem fundamento, nós temos o respeito. Até a comida. Comida de festa tem muita variedade [...] cada festa que você vier está sendo servida um tipo de comida de fundamento para aquela festa. Dentro do nosso fundamento, as crianças no Reinado crescem ouvindo os Pontos. O pessoal usa falar musicalidade, mas a gente fala dentro do Reinado é Toada. Elas escutam aquela Toada e aquilo fica gravado no subconsciente. Então, não tem muita dificuldade. Então, a Toada dentro do Reinado acaba sendo uma coisa que surpreende muito as pessoas que estudam música. Porque, o povo do Reinado, eu principalmente, nunca estudei música e consigo bater quase que todos os instrumentos do Reinado. Mas é de ouvido, de ver fazer, de fazer para aprender a fazer. Não tem aquela coisa de escola. (Capitão Regente Dirceu Ferreira, Oficina de Pontos no Quilombo de Justinópolis, 07 e 16 de agosto de 2019. Projeto de iniciação científica, Saberes tradicionais do Reinado Mineiro: da multiplicidade artística às experiências musicais vividas).

As práticas cotidianas do Reinado objetivam ampliar a compreensão sobre as inúmeras maneiras de aprendizagem. Como colocam Lave e Packer (2011), a aprendizagem não está desvinculada das atividades da vida social, tão pouco limitada a momentos ou locais específicos para tal. O que prevalece no Reinado Mineiro não é a transmissão da cultura de uma geração a outra, mas a abertura para que as experiências sejam vividas e os saberes perpassem pelo fazer coletivo. A relação entre pessoa e mundo social, ou entre pessoa e pessoa corroboram para que a aprendizagem aconteça, ou seja, aprender não opera dentro de um mecanismo de internalização de conhecimento, mas de experimentação.

Referências

ARROYO, Margarete. *Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical*. Londrina: Revista da ABEM, v. 8, n. 5, 2000.

ASSIS, Sônia Cristina de; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SOUSA, Genesco Alves De. *Aprender a ser reinadeiro no cotidiano do Quilombo da Irmandade do Rosário de Justinópolis*. Educação e Pesquisa, São Paulo, V. 48, 2022.

ASSIS, Sônia Cristina de. Fabricação de caixas de folia: processos e ações que levam à produção do artesão. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 30º, 2017, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: SOTER, 2017, p.1377-1385.



ASSIS, Sônia Cristina de. *Música e dança na Festa de Reis em Carmo do Cajuru-MG: uma etnografia construída no envolvimento e no movimento de pessoas, instrumentos e sonoridades*. 2016. Tese (Doutorado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhaes; PEREIRA, Edimilson Almeida. *Arturos: olhos do rosário*. Belo Horizonte: Mazza, 1990.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação em Revista*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimentos e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. *Porto Alegre: Horizontes Antropológicos*, n. 44, p. 37-47, 2015.

LAVE, Jean; PACKER, Martin. Hacia una ontología social del aprendizaje. *Bogotá: Revista de Estudios Sociales*, n. 40, p. 12-22, 2011.

LAVE, Jean. Teaching, as learning, in practice. *Londo: Mind, Culture and Activity*, , v. 3, n. 3, p. 139-164, 1996.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press, 1991.

WAGNER, Roy. *A invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

